

# Transmissão psíquica, segredo e a escrita literária como forma de elaboração

Paula Mandel

Resenha de Annie Ernaux, *A outra filha*, São Paulo, Fósforo, 2023, 64p.

A autora francesa Annie Ernaux foi agraciada, em 2022, com o prêmio Nobel de Literatura pelo conjunto de sua obra. De fato, trata-se do relato de uma vida recortado e distribuído em livros, cuja escrita assemelha-se ao gênero autobiográfico<sup>1</sup>, mas assume o papel de construção coletiva da memória de um país, de um continente, de um tempo, de uma geração. Ler Annie Ernaux é visitar uma França pós-Segunda Guerra Mundial, com vislumbres políticos, sociais e culturais.

Em *A outra filha*, assim como em *A vergonha* e *O lugar*, a escritora elege uma cena condutora que será milimetricamente dissecada com o propósito de elaborar um trauma. Temos a impressão de que as cenas foram contadas e recontadas, despedidas e revestidas tanto quanto possível de seus sentidos, resultando em um profícuo processo psicanalítico. Seus livros – que bem poderiam constituir um só longo livro – seriam parte, mas também consequência

dessa fecunda elaboração. Literatura e psicanálise caminham juntas.

A prosa da autora é econômica, diz o que quer dizer. Nem mais nem menos. Nada é acessório, no conteúdo ou na forma. Suas descrições são de tal rigor e precisão que nelas não sobram substantivos ou adjetivos. Na composição “Metáfora”, o músico Gilberto Gil fala sobre a *meta* do poeta, que pode estar querendo dizer o *inatingível*. Já Ernaux atinge o alvo em cheio, sem floreios na trajetória da seta. Ela nos dá a impressão de ser o tipo de pessoa que tem uma fala curta, e, talvez por isso, não escreva através de metáforas.

Há escritoras e escritores de histórias repletas de palavras polissêmicas, que destravam verdadeiros portais associativos. Há outros, como a autora destas linhas, que se valem de quatro, cinco alegorias para dar conta daquilo que querem contar. Ernaux, entretanto, não produz no leitor imagens poéticas, não induz à divagação do sonhar, mas, a despeito disso, favorece mergulhos profundos. É nessa prosa destituída de enfeites que reside sua beleza.

Não se engane, porém, concluindo que a leitura deste ou de qualquer outro de seus livros será uma leitura rápida. Pode-se até lê-los com agilidade, mas as cenas repercutem em digestão lenta, ou seja, continuamos a refletir sobre elas, numa espécie de pós-conversa.

Pela escrita de Ernaux ser acessível, parece que nós, leitores, somos colocados na posição do psicanalista que recebe um novo paciente, mas que fez análise antes. Não nos surpreendemos ou ficamos maravilhados, e sim experimentamos satisfação, nos sentimos confortáveis, seguros. Como se recebêssemos um colega novo no escritório, só que experiente na função. Um colega que não vai dar trabalho porque já sabe trabalhar.

*A outra filha* descreve uma conversa flagrada por uma Annie de dez anos na qual sua mãe confia à cliente ter perdido uma filha de sete anos, de difteria. O relato é arrematado com o terrível dito: “Ela era mais boazinha do que aquela ali [Annie]”<sup>2</sup>. A irmã, morta antes de Annie nascer, jamais fora mencionada pelos pais, nem antes

**Paula Mandel** é psicanalista e escritora. Aspirante a membro do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae. Coordenadora do grupo de trabalho e pesquisa Primeira Clínica. Integrante do grupo A Casa Frida.

DOI: 10.70048/percurso.72.129-132

<sup>1</sup> A crítica especializada denomina *autoficção* o hibridismo entre biografia e ficção.

<sup>2</sup> A. Ernaux, *A outra filha*, p. 13.

nem após a escuta acidental. O segredo misterioso acompanhou seu crescimento, como uma presença silenciosa, espectral, de alguém que, não estando lá, estava em todos os tempos e lugares.

Foi inevitável recordar o romance francês *Uma rosa só*, de Muriel Barbery. A protagonista do livro certo dia é informada sobre sua condição de herdeira de um pai até então desconhecido. Nesse caso, ela teve a oportunidade de resgatar a história paterna, cuja existência já se supunha porque é obrigatório para a gestação de um ser humano ter um genitor biológico – ainda que ignorado, mesmo que apenas participante genético, um doador de esperma. Coube-lhe apenas (como se isso fosse simples) nomear o dito pai, recheando seu contorno com fragmentos de histórias contadas por outros.

A situação da protagonista do livro de Annie Ernaux, portanto, é semelhante, mas não se iguala àquela narrada por Muriel Barbery. Isso porque uma irmã – ao contrário de um pai – não é essencial para ninguém. É acessório. Ou seja, a personagem Annie bem poderia ter vivido a vida como filha única, e tal seria o caso não fosse o testemunho da confiança da mãe. A descoberta da irmã morta pouco afetou a rotina concreta de Annie, já que os pais, fingindo que ela nunca havia existido, tentaram privar a vida real das marcas daquela criança.

Roupas, brinquedos e os poucos pertences da irmã entraram na rotina de Annie com a origem ocultada. Fotografias foram escondidas. O berço usado na infância, Annie só descobriu adulta que havia pertencido à outra. Tais objetos e lembranças produziram marcas de ordem mais sensível, que se fizeram sentir, mas não se fizeram conhecer. Annie passou a vida buscando indícios da irmã e contracenando em sigilo com ela, existente apenas no mundo da imaginação. As marcas dessa experiência, portanto, tiveram função de fantasia, secundária na constituição subjetiva da autora.

O caso da jovem Annie é como se dois raios tivessem caído no mesmo lugar e ao mesmo tempo. De qualquer ângulo que se analise a situação, parece haver uma perda seguida de um ganho,

ou de um ganho seguido de uma perda. Explico. A menina ganhou uma irmã e imediatamente a perdeu. Por outro lado, perdeu sua posição na história familiar – de filha única – e simultaneamente a recuperou.

Nesse aspecto, o livro explora outro tema recorrente na obra da autora, o da posição do sujeito dentro de sua história familiar, e como movimentações podem afetar a autopercepção, a noção de identidade e a compreensão de si em relação a si e ao outro. A autora parece bastante interessada em retratar como a movimentação externa e interna afeta o romance familiar do sujeito. Assim também ocorreu em *O lugar*, livro que esmiuça a ascensão socioeconômica e de classe da autora e o conseqüente abismo cavado em relação aos pais.

### Transmissão psíquica na construção de uma autonarrativa

Somos sujeitos constituídos a partir de uma narrativa que nos é feita pelo outro, por nossos cuidadores, nossos familiares. Vamos construindo nosso mundo interno a partir de uma contextualização histórica: que lugar temos no desejo dos pais? Temos irmãos? Fomos planejados ou chegamos de surpresa? Quais marcas deixamos em nossos pais ao chegarmos? A história do sujeito, então, é construída no atual a partir de vivências em conjunto com a transmissão feita pela geração anterior. O *eu* é formado pelas identificações conscientes e inconscientes. Com o que da irmã Annie pôde se identificar? Do que ela poderia querer se diferenciar?

Os pais decidem, através de escolhas conscientes, o que querem contar de sua história aos filhos. Essa decisão se manifesta por meio de mediações verbais e gestos, mas, também, com essa bagagem, *escapam* conteúdos inconscientes não elaborados, lutos, enigmas. Ou seja, o que os pais não transmitem voluntariamente nem por isso deixa de ser transmitido pela via inconsciente, porque “nada pode ser completamente abolido, não há nada que seja abolido e que não apareça, algumas gerações depois, como enigma, como

impensado, ou como signo do que não pôde ser transmitido na ordem simbólica”<sup>3</sup>.

O encontro-perda de Annie Ernaux com essa irmã misteriosa ocorreu aos 10 anos, no final da infância e na entrada da adolescência, portanto. Qual o papel da descoberta no processo de subjetivação da menina? Ela encontrou um objeto, que destino lhe deu? Qual o impacto de o acontecimento ter se dado aos 10 e não aos 5 ou aos 30?

Marion Minerbo enfatiza a relevância do encontro com o objeto na fase da adolescência:

[...] as vicissitudes do processo de subjetivação na adolescência. Nessa fase, quando a identidade está em plena reestruturação – está em curso a elaboração do luto pelo que já não é, e uma incerteza quanto ao que será –, o encontro com o objeto é decisivo. Ele pode facilitar ou dificultar o processo de subjetivação. Ao mesmo tempo, sabemos que o encontro com o objeto não é uma experiência completamente nova: ele será vivido, experimentado, “processado” e significado, a partir de uma estrutura psíquica, ou, como prefiro dizer, de uma matriz simbólica “preexistente”. Esta, por sua vez, irá se “reorganizar” a partir desse encontro. O acaso é moldado pelo determinismo psíquico, ao mesmo tempo que pode, até certo ponto, modificá-lo. Do ponto de vista metapsicológico, “destino é essa interação dialética entre o acaso e determinismo”; entre o objeto encontrado e a maneira pela qual ele foi significado e incorporado ao psiquismo.<sup>4</sup>

## Fantasia e segredo

Onde faltam dados, as fantasias cumprem um papel. Teria sido a irmã mais bonita, mais inteligente, mais... amada do que ela própria? Por que a irmã era *mais boazinha*? Annie precisou competir com um objeto sem contornos e por isso mesmo total, gigante, fluido. Afinal, algo disforme pode assumir qualquer forma. Em vários trechos

do livro, percebe-se que a pré-adolescente foi se firmando no mundo a partir de uma oposição conjecturada. A irmã presumida (ou *mítica*) era quem deveria ser combatida e vencida na competição pelo amor dos pais.

Estamos diante dos efeitos do *não dito* na vida do sujeito. Ao manterem a história da primeira filha em segredo, os pais transmitem à segunda uma herança subjetiva entrecortada por um silêncio avassalador. O luto, mesmo que secreto, foi transmitido para Annie, mas num núcleo engruvinhado, não simbolizado pelos pais. Um segredo com impacto de proporções inimagináveis.

Em seu trabalho sobre as transmissões na clínica psicanalítica, Maria Cecília Pereira da Silva se vale da escultura do pintor espanhol Salvador Dalí *Gabinete antropomórfico* (1936)<sup>5</sup>. Essa metáfora é potente aqui. O conteúdo que os pais tentaram manter *engavetado* arrebentou e atingiu Annie em cheio.

Sobre a dicotomia entre fantasia e segredo, Sérgio Telles discorre que:

O “romance familiar” é uma fantasia inconsciente, faz parte do mundo interno da criança (“fantasme”, segundo Abraham). O “segredo familiar” não é uma fantasia e sim uma realidade objetiva, é um acontecimento histórico da família mantido em segredo e, por isso, provocando efeitos no psiquismo daqueles que o desconhecem (“fantôme”, ainda segundo Abraham). Os dois estão interligados, pois na medida em que existe um “segredo familiar”, um não dito na história da família, isso favorece a criação de um “romance familiar”, a criança cria uma fantasia para preencher aquele vazio. Mas o enfoque analítico é muito diferente em cada caso, pois o “fantasme” foi reprimido, o “fantôme” não.<sup>6</sup>

A distinção entre *fantasia* e *segredo*, no frigidar dos ovos, poderia representar a dicotomia entre *imaginação* e *realidade*, que, a meu ver, não interfere no enfoque analítico, e sim a saída que cada sujeito engendra, singular e inconscientemente, em sua realidade psíquica. Ou seja, o que vai determinar o enfoque analítico é a condição elaborativa,

3 M.C.P. da Silva, *A herança psíquica na clínica psicanalítica*, p. 20.

4 M. Minerbo, *Neurose e não neurose*, p. 210.

5 Figura humana com o tronco repleto de gavetas abertas.

6 S. Telles, “Romance familiar versus segredo familiar, um problema psicanalítico”. *Psychiatry online Brasil*, v. 8, n. 2.

os recursos psíquicos do sujeito exposto ao segredo familiar. O segredo provocou um trauma incapacitante? Ou pode este sujeito simbolizar, sendo apto a narrar sua história elaborando um sentido ao ocorrido?

Tudo indica que no caso de Annie Ernaux, embora a autora tenha sido privada de um fato familiar concreto (a breve existência da irmã), sua escrita entrou como ferramenta de elaboração psíquica e, como resultado, nos presenteou com uma bela obra literária.

#### Referências bibliográficas

- Freud S. (1908/2015). O escritor e a fantasia. *Obras completas*, vol. 8. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras.
- \_\_\_\_\_. (1909/2015). O romance familiar dos neuróticos. *Obras completas*, vol. 8. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras.
- Minerbo M. (2019). *Neurose e não neurose*. São Paulo: Blucher.
- Silva M.C.P. da (2023). *A herança psíquica na clínica psicanalítica*. 2.ed. São Paulo: Blucher, 2023.
- Telles S. (2003). Romance familiar versus segredo familiar, um problema psicanalítico, *Psychiatry on line Brasil*, vol. 8, n. 2, fev.. Disponível em: <https://www.polbr.med.br/ano03/psio203.php>. Acesso em: 13 mar. 2024.